ENTRE LITERATURAS: LEITURAS, RELEITURAS, (EM) PERSPECTIVAS

Andréa Figueiredo Leão Grants

Gizelle Kaminski Corso

Jair Zandoná

Stélio Furlan

Susan A. de Oliveira

Tanay Gonçalves Notargiacomo

Universidade Federal de Santa Catarina

O volume 18, número 1, apresenta prioritariamente investigações teóricas e críticas sobre as multiplicidades e especificidades da literatura. Para dar cor a essa proposta de encontros culturais e temáticos, a capa exibe um detalhe do painel idealizado por Martinho de Haro, em 1972, e instalado no hall do prédio da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina. O detalhe do painel apresenta a figura feminina, que aparece ao plural; várias mulheres, cada qual à sua maneira, a seu modo. Porque diferentes, porque lutadoras, porque guerreiras. Desafios “atuais dos feminismos”. Prestamos, portanto, homenagem àquelas que compõem um eu, um tu, um nós, um eles e elas, subjetividades e fragmentos de vida — temas que perpassam alguns dos artigos deste número. Do mesmo modo, aproveitamos para dialogar com o tema de um evento, que é marca de nossa instituição e que se encontra em sua décima edição: “Seminário Internacional Fazendo Gênero”, cujo tema abordará os feminismos e estudos de gênero e seus desafios atuais, e se realizará em setembro deste ano.

Inspirados na intensidade estética dessa obra, esperamos proporcionar aos autores e leitores todos os efeitos de aproximação e de trocas de ideias, de simbiose de sentidos e de tradução cultural a partir dos artigos que, como pedaços de retalhos, contarão cada qual, a seu modo e forma, e em sua particularidade narrativa, a história da Anuário.

Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Os artigos dos professores Marcio Markendorf e Rosana Cássia Kamita, que abrem este número, foram apresentados no evento *Anuário de Literatura, memórias em perspectiva*, realizado em outubro de 2012, em comemoração pelo aniversário de 20 anos da Revista.

Em “O Romance brasileiro e o periodismo”, Rosana Cássia Kamita conta a história particular e geral do romance brasileiro traçando o interessante percurso que vincula o gênero romance ao periodismo nos séculos XIX, XX e XXI. Marcio Markendorf abre o amplo o conjunto de reflexões sobre biografias que compõem a presente edição com seu artigo “Reflexões sobre a memória biográfica no meio audiovisual contemporâneo”, retratando o percurso do relato biográfico do modelo positivista e tradicional da narrativa linear para desmontá-lo em fragmentos de imagens, aproximando o cinema da memória e observando seus efeitos de aproximação e distância com o modelo tradicional.

Navegando um pouco ao norte de nossas percepções literárias, Leandro de Azevedo Thereza nos mostra em “A construção do outro pelo outro: a categorização hierárquica do sujeito na sociedade de *A letra escarlate*”, romance estadunidense de 1850, uma sociedade machista e religiosa que sustenta o puritanismo colonial comunitário pelo qual instituições pautavam e regulavam a vida social na Nova Inglaterra do século XVII.

A obra *Dias perdidos*, do mineiro Lúcio Cardoso, escrita em 1943, é discutida por Fábio Figueiredo Camargo no artigo “Autobiografia perdida” a partir da ideia de que esse seja um romance autobiográfico confrontado pelas teorias biográficas e do eu de Philippe Lejeune, Ruth Silviano Brandão, Jacques Derrida e Michel Foucault.

O artigo de Paula Renata Lucas Collares, “Autobiografia e representação de si mesmo na narrativa e crônica de Antônio Lobo Antunes”, analisa o *Primeiro Livro de Crônicas* e o romance *Sóbolos rios que vão* de Antônio Lobo Antunes em perspectiva comparativa autobiográfica e ficcional na qual se deslocam na voz narrativa o tempo, a memória e a infância. Ainda nessa linha de tensão entre a biografia e as subjetividades emergentes, está Amaury Garcia dos Santos Neto, explorando as subjetividades alternativas, que é a forma como esse autor lê a interseção entre textos pertencentes ao espaço biográfico via Philippe Lejeune e Leonor Arfuch no personagem Francis Xavier Enderby, protagonista do romance autobiográfico *Enderby por dentro*, do escritor inglês Anthony Burgess.

O artigo “Reconstrução de Toledo: a intertextualidade como fator de composição no poema *Toledo* de Murilo Mendes”, de Nathália Macri Nahas, analisa memória e experiência no poema intertextual *Toledo*, de Murilo Mendes, no qual o autor lança mão de um eu lírico

nostálgico que se compõe dos fragmentos poéticos e estéticos fortemente hispânicos de Miguel de Cervantes, Lope de Vega e *El Greco*.

As autoras Lydia Christina Ferreira Rezende de Medeiros e Nismária Alves David escreveram a quatro mãos o artigo “Literatura, cinema e história em *Hiroshima mon amour*” analisando as obras homônimas *Hiroshima Mon Amour*, longa-metragem realizado por Alain Resnais e *Ciné-roman* de Marguerite Duras, tomando como base de percepção a complementaridade entre cinema e literatura e apontam os fios que entrelaçam as duas obras que narram, cada qual a seu modo, as perdas, o amor e a humanidade no drama do protagonista que interpela o leitor/espectador pelo limite angustiante do eu frente a uma catástrofe total que foi a explosão da bomba atômica em Hiroshima.

Os autores Jandré Corrêa Batista e Michael Azevedo, adentram o gênero diário e seus meandros, analisando a obra *Diário da Queda*, de Michel Laub. O artigo “Em busca de elementos para uma história da literatura contemporânea: um olhar sobre a escrita de si em *Diário da Queda*, de Michel Laub” volta-se, como diz o título, para o problema da escrita de si a partir do outro, ou melhor, sobre a dimensão ética do outro na autodescoberta, possibilitada pela ocorrência de um “acidente” e suas consequências na vida do menino João ao qual o narrador se encontra envolvido.

Em “Não há lugar melhor que nosso lar – a casa como confinamento, personagem e espaço idealizado no filme *Orgulho e Preconceito*”, artigo de Karina Gomes Barbosa sobre a adaptação para o cinema do romance de Jane Austen, a casa é o personagem em análise, e isso se dá pela observação do espaço doméstico elaborado na criação cinematográfica, como lugar de confinamento e afeto, elemento fundamental da vida familiar inglesa no século XIX e base do patriarcado pelo qual toda uma distinção de gênero e papéis sociais se tornou efetiva sob a dominação masculina.

Em “Estudo do multiperspectivismo narrativo de *Relato de um Certo Oriente*, de Milton Hatoum”, Daiane Carneiro Pimentel, através da dinamização do olhar cinematográfico, procura investigar como a multiplicidade de perspectivas instaurada pela “sétima arte” foi incorporada pela literatura. No romance de Milton Hatoum, por exemplo, há cinco narradores, cujos discursos são organizados de modo semelhante à montagem invertida desenvolvida pelo cinema.

Em sentido semelhante, Janaína Guedes Milanez, em “A adaptação fílmica como procedimento de tradução intersemiótica: o caso Budapeste” propõe analisar a adaptação fílmica de Walter Carvalho e Rita Buzzar para o romance *Budapeste*, de Chico Buarque, a

partir dos estudos semióticos de Charles Sanders Peirce, buscando investigar a leitura que os cineastas fazem do romance, as pistas do processo de tradução e as implicações da tipologia peirciana para uma apreciação teórico-crítica do filme.

Para fechar a edição, trazemos a tradução do texto de Philippe Chevallier, “O Baudelaire de Foucault: uma silhueta furtiva e paradoxal”, realizada pelo professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Dr. Pedro de Souza, em que é cotejada a leitura foucaultiana do poeta francês por meio da história da subjetividade.

A equipe editorial agradece aos autores pelos artigos enviados para esta edição e aos leitores que, afinal de contas, são os verdadeiros construtores desse mosaico de leituras e tessituras.